



**A VIDA EM LISBOA
NUNCA MAIS FOI A MESMA**

LX60

**JOANA STICHINI VILELA
E NICK MROZOWSKI**





LX

60

Joana Stichini Vilela
Nick Mrozowski





TÍTULO: *Lisboa, anos 60*

© 2012, Joana Stichini Vilela
e Publicações Dom Quixote
Todos os direitos reservados

AUTOR: Joana Stichini Vilela
COLABORAÇÃO DE: André Rito, Bruno Faria
Lopes, Clara Silva, Luís Leal Miranda, Rui
Miguel Tovar
REVISÃO: Rita Almeida Simões
PROJECTO GRÁFICO: Nick Mrozowski
DESIGN: Pedro Fernandes
INFOGRAFIA: Carlos Monteiro
PESQUISA E EDIÇÃO DE IMAGEM: Ágata
Xavier

1.ª EDIÇÃO: Outubro de 2012

ISBN: 9789722050920

Publicações Dom Quixote
Uma editora do Grupo LeYa
Rua Cidade de Córdoba, nº 2
2610-038 Alfragide – Portugal
www.dquixote.pt
www.leya.com

Ao João

Aos avós Mrozowski e July

1960, AÍ VAMOS NÓS Lisboa entra nos anos 60 a bordo de uma revolução. O Metropolitano, inaugurado a 29 de Dezembro de 1959 e aberto ao público no penúltimo dia da década, permite ir dos Restauradores a Entrecampos em oito minutos. Um bilhete: 1\$50. Ao todo são só 11 estações e 6,5 quilómetros de linha em forma de y. Com apenas duas carruagens, as composições parecem de brincar. Mas os alfacinhas sentem-se por fim a viver numa capital europeia. E até o clima ajuda, como conta o *Diário de Lisboa*: "A manhã fria, a que o nevoeiro cerrado dava uma atmosfera europeia de trabalho, era o cenário propício para a inauguração de um melhoramento que tem como fundamental razão de ser a sua utilidade." O chefe de Estado, o cardeal-patriarca e 500 convidados atestam a solenidade do momento, mas a verdadeira festa está guardada para o dia seguinte. As seis da manhã, mal se abrem as cancelas, uma multidão espantada e ruidosa invade as estações. Há correrias e encontros. Canta-se e dança-se nas carruagens. Um grupo de espanhóis que se exibem artistas de variedades. Canta-se e dança-se com os seus músicos para os aplausos dos passageiros. É um num dos dancings da capital actuaum com os seus músicos para os aplausos dos passageiros. É um regabofe, um final de noite em glória. Vem aí uma nova era.





Estação do Saldanha, 1960

PORTUGAL, 1960

INSTANTÂNEOS



MAIS DE **82%** DOS PARTOS
OCORREM EM CASA. MORREM
7,7 CRIANÇAS POR CADA 100
NASCIMENTOS



**8,9 MILHÕES
DE RESIDENTES,
92%
COM MENOS
DE 65 ANOS**



**ESPERANÇA DE VIDA:
HOMENS, 60,7 ANOS
MULHERES, 66,4 ANOS**

MAIS DE 65% DAS PESSOAS COM 15 OU MAIS ANOS NUNCA FORAM À ESCOLA. POPULAÇÃO COM INSTRUÇÃO EQUIVALENTE AO ENSINO SUPERIOR: 1%



APENAS 9,3% DOS CASAMENTOS NÃO SÃO CATÓLICOS. UM EM CADA 100 ACABA EM DIVÓRCIO



80 MÉDICOS E
108 ENFERMEIROS
POR 100 MIL HABITANTES



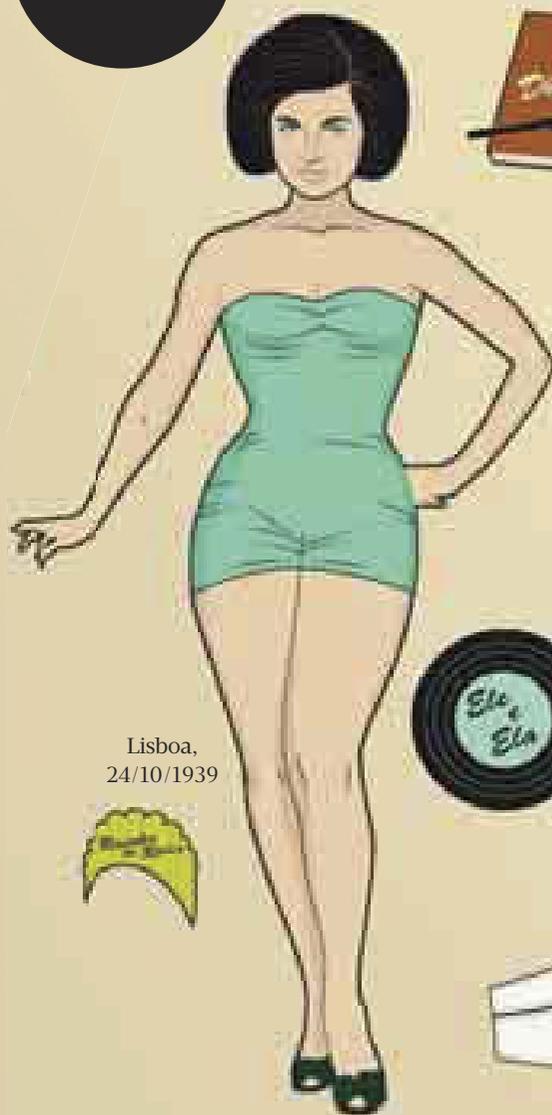
EXISTEM
203 DIÁRIOS
E SEMANÁRIOS, NUM
TOTAL DE **468**
PUBLICAÇÕES
PERIÓDICAS

ÍNDICE

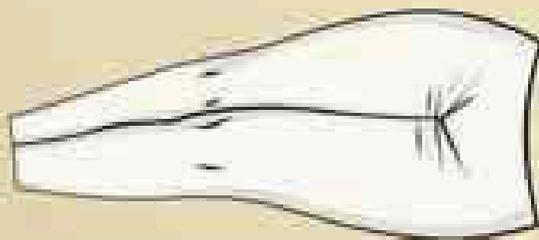
Recorte as
Cançonetistas
Rivais

MADALENA IGLÉSIAS

Inclui acessórios para filmes e viagens



Lisboa,
24/10/1939



Galã:
Sarilho de
Fraldas

SIMONE DE OLIVEIRA

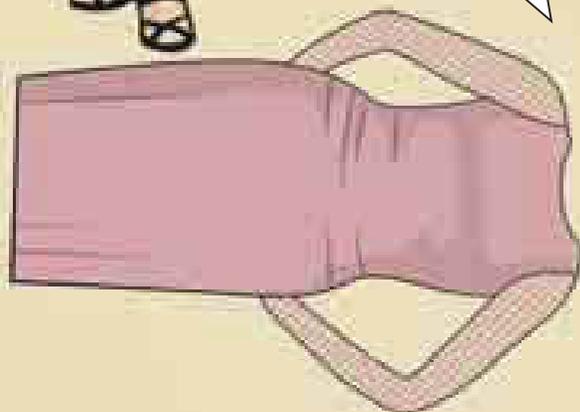
Com irreverente conjunto de frontalidades



Lisboa,
11/02/1938

**“Não acredito
nos concursos
da Eurovisão.”**

**“Recebemos cachets
verdadeiramente
ridículos.”**





A IDADE DE OURO

“Idade de ouro” não será a primeira ideia que a maioria das pessoas associa aos anos 60 em Lisboa – ou em Portugal. Mas, na história da economia portuguesa, a década de 60 é um marco incontornável: regista-se o maior crescimento económico de sempre e lançam-se sementes para transformações posteriores. O impacto relativo é maior no interior isolado e rural, mas para Lisboa a expansão traz novidades, da modernização da cidade (com a ponte sobre o Tejo e novas urbanizações, como os Olivais), ao aumento das possibilidades de consumo (embora ainda muito longe do que se tornará realidade 50 anos depois).

Dos acontecimentos que marcam a década de 60 – e que explicam que a economia tenha praticamente triplicado entre 1958 e o início dos anos 70 –, a entrada na EFTA a 4 de Janeiro de 1960 lidera. Criada para rivalizar com a Comunidade Económica Europeia (CEE), a EFTA (Associação Europeia de Comércio Livre) começa com sete países. Seis são desenvolvidos: Noruega, Dinamarca, Áustria, Reino Unido, Suíça e Suécia. O sétimo é pobre e rural: Portugal. A exceção portuguesa – que não pode entrar na CEE por não ter um regime democrático e ser demasiado pobre para ser integrada com as restantes economias – consegue um acordo especial, que preserva barreiras alfandegárias de defesa da indústria nascente, ao mesmo tempo que abre as portas a mercados de exportação mais ricos e exigentes.

A emigração – para fugir à pobreza rural ou à Guerra Colonial, que se acentua também nos anos 60 – é outra força importante. O milhão de portugueses que em dez anos saem do país consegue uma taxa de poupança altíssima – em alguns casos documentados em França ronda 50% do rendimento –, que envia como remessas para Portugal. Os bancos expandem-se para o interior – com balcões e agentes – para captar esse dinheiro que acaba por formar uma importante base de capital. Um empréstimo para um projecto empresarial a 35 anos a uma taxa de apenas 3% é uma realidade possível na década de 60.

Dinheiro barato e abertura económica ao exterior levam ao nascimento de novas



A entrada de Portugal na EFTA em 1960 é determinante para o boom económico que se segue

indústrias, como a fábrica da Toddy em 1960, em Belas ou, noutra escala, a Siderurgia Nacional, em 1961, no Seixal. As mudanças desenvolvem também velhos gigantes, como a CUF. A Companhia União Fabril já empregava 16 mil pessoas nos anos 30, mas chega ao final da década de 60 como o maior conglomerado industrial português (químico, têxteis, indústria naval e alimentar, tabacos, entre outros), sediado na margem sul do Tejo, a poucos minutos de Lisboa (Barreiro).

Observado no papel, o desenvolvimento significa crescimentos anuais da economia acima de 7% – um ritmo muito distante da média próxima de zero que Portugal registará na primeira década do século XXI. O país rural começa a desaparecer. Em 1958, a agricultura ocupa 43% da população; no início dos anos 70, já só vale 34%. O declínio face à expansão industrial e dos serviços leva não só à emigração mas também à migração para as cidades no litoral, como Lisboa. Na década de 60, a capital e os municípios da área metropolitana (incluindo margem sul) ultrapassam o milhão de habitantes. O negócio da construção civil arranca – irá explodir entre os anos 70 e 90 – e aumenta a urbanização das zonas rurais à volta da cidade. “Nesta zona privilegiada [...] disporão os seus habitantes de todas as instalações públicas indispensáveis para a vida moderna”, lê-se num anúncio a 19 de Novembro de 1964, no *Diário de Lisboa*, sobre a “cidade jardim” da Reboleira.

Em Lisboa – como no resto do país –, a idade de ouro (que coincide com uma idade de ouro europeia) significa mais rendimento (o volume total de salários mais do que duplica) e mais consumo, de carros a televisores. Em 1961 abre o primeiro supermercado, no Saldanha. Na mesma zona, abre em 1967 o restaurante Galeto, um símbolo de modernidade. Entre 1965 e 1970 o volume de carros vendidos mais do que triplica, quando comparado com o nível entre 1955 e 1960. Tudo é parte de um salto enorme num país muito atrasado – um salto apenas superado pela transformação que virá a acontecer mais tarde, com a entrada na CEE.

A 26 de Março de 1960, a bela Brigitte Bardot aterrada em Lisboa para um fim-de-semana de paparicos. O pretexto é a estreia de *A Mulher e o Fantoche*, no São Jorge, fita em que contracena com o português António Vilar. Mas ao segundo dia tudo dá para o torto. Entre beijos roubados (por uma mulher grisalha), perseguições de automóvel e a chuva que não pára de cair, B.B. não vê a hora de deixar a província.



Do céu cai uma estrela

“A celeberrima e adorável B.B., versão europeia e actualizada da grande ‘star’ que apaixonou e arrasta as multidões” chega a Lisboa. Chove sem parar, mas centenas de fãs não arredam pé do aeroporto. Horas depois, no terraço do Hotel Mundial, bebem-se cocktails com o nome dela; Bardot, de vestido de organza preto e decotado, prefere o whisky. Segue para o Cinema São Jorge, onde é recebida por uma multidão extática. Janta iscas e bebe vinho no Bairro Alto, na casa de fados Tipóia. A noite acaba já depois das quatro da manhã.

Mudança de planos

Acorda tarde e, de acordo com o marido, o actor Jacques Charrier, exausta. Decide cancelar a viagem a Nazaré. Quer ir comprar objectos típicos. Dezenas de fotógrafos esperam-na no lobby do Hotel Ritz. Lá fora, um magote de adolescentes “empunha esferográficas e ‘bloc-notes’ na ânsia do autógrafo largo, quase garrafal, de B.B.” António Vilar oferece-lhe uns sapatos brancos de “desenho revolucionário” da sapataria Orion. Ela apoia-se nele e calça-os para as objectivas.

Entre os nativos

À saída do Ritz, é envolvida pela multidão. Uma mulher baixa e grisalha segura-a por um braço e beija-a no pescoço. Sempre seguidos por jornalistas, os actores arrancam num Citroën. Pouco depois, encostam nos Restauradores, na Rua Jardim do Regedor, onde vão à “Regional da Madeira”. Enquanto B.B. vê toalhas bordadas, os mirones vão-se aglomerando junto à montra. Às tantas, já são duas mil cabeças com outras tantas sentenças: “‘É muito magra’; ‘Parece que está doente’; ‘Óculos escuros com este tempo!...’”. Debalde a polícia “toma enérgicas disposições” para conter os mais entusiastas. À saída da loja, a turba assalta B.B. e parte-lhe uma lente dos óculos de sol. Finalmente no carro, Charrier saca da câmara e filma os nativos.

BEBE

Perseguição

A caravana arranca, agora seguida por populares. B.B. e companhia tentam despistá-los. Aceleram Avenida da Liberdade acima, em direcção à Auto-Estrada da Costa do Estoril. Chegam aos 120 km/hora. Já perto de Monsanto, desistem. Encostam e tomam uma decisão: ir a um restaurante.



Refúgio

À entrada no “Mónaco”, na Avenida Marginal, B.B. está irrecorrível: desgredada, a maquiagem borrada, o olhar já sem brilho. A refeição é ligeira: lagosta e vinho. Uma hora depois, regressa ao Ritz e, apesar dos planos de ir ao Casino Estoril nessa noite, só volta a sair na manhã seguinte – para o aeroporto. Sorri o essencial. Recusa-se a dar autógrafos. Sente-se cansada e engripada, diz. Está na hora de voltar a casa.



Vilar fica na história de Bardot como o homem que lhe deslocou o maxilar. Ela fica na dele como a mulher que lhe partiu uma costela. Não foi num ringue, mas na rodagem de *A Mulher e o Fantoche*. O português tinha de lhe dar uma bofetada mas, na opinião do realizador Julien Duvivier, faltava-lhe convicção. À enésima tentativa, Duvivier ficou satisfeito; B.B., não.

BUUUUUUU

SURFIN'

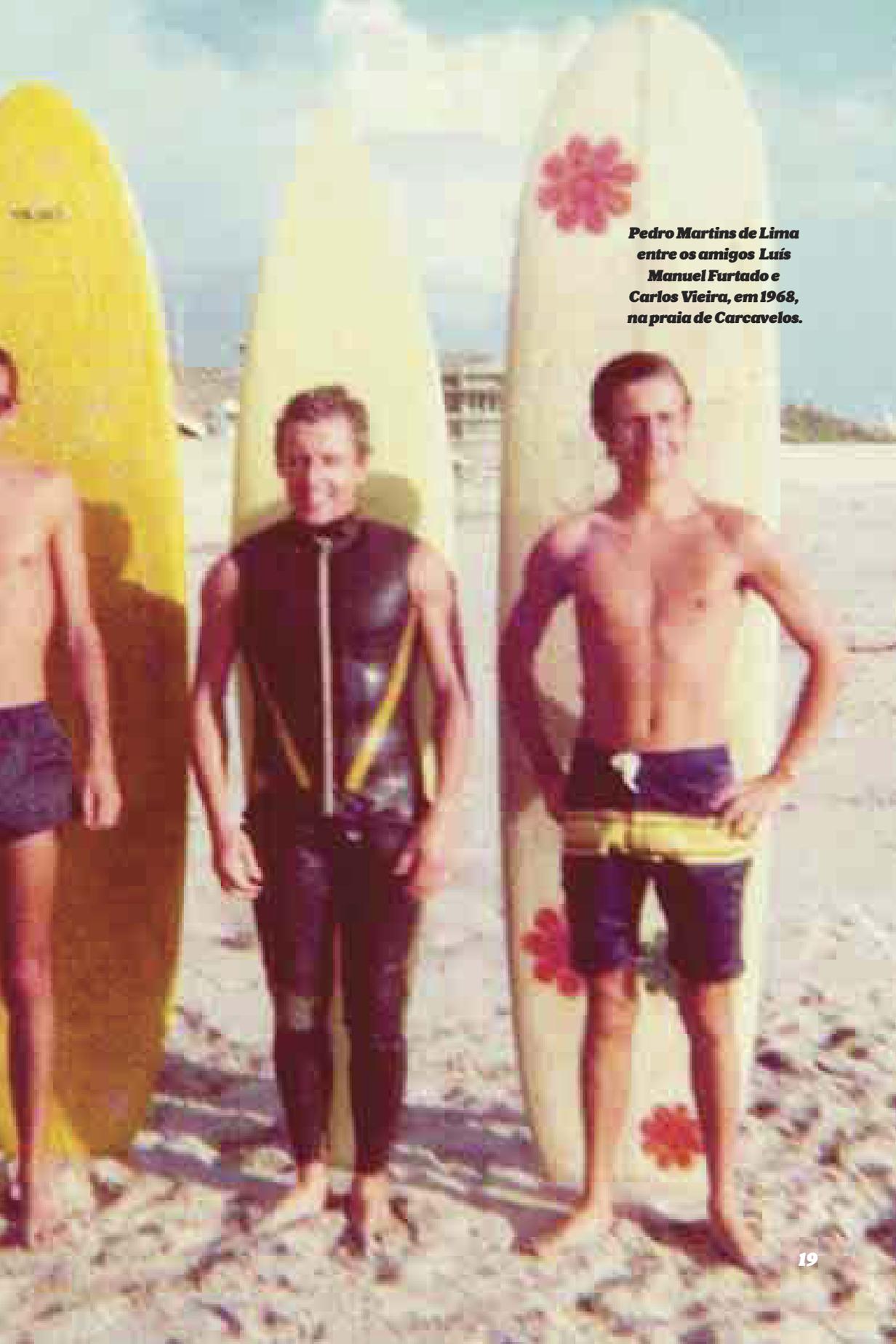
NA

LINHA

DO

ESTORIL





**Pedro Martins de Lima
entre os amigos Luís
Manuel Furtado e
Carlos Vieira, em 1968,
na praia de Carcavelos.**

Pedro Martins de Lima nasceu para deslizar. O primeiro grande acidente desportivo aconteceu-lhe ao descer de trotineta a Rua da Emenda, em Lisboa. Tinha cinco anos. Passados quase 25, em 1959, compra uma longboard em França e torna-se o pai do surf português. Os populares acham que está louco, os cabos de mar tentam prendê-lo. Durante grande parte da década de 60 o “Pedro da Tábua” tem todas as ondas do país só para ele. Uma aventura irrepetível, como recorda aqui.

Descobri o surf em 1945, durante a Segunda Guerra Mundial, numa base americana nos Açores, quando vi numa revista um artigo sobre o Duke Kahanamoku. No mesmo ano, noutra revista, vi um anúncio às “Churchil Swim Fins”, barbatanas usadas no Havai para caça submarina, e pedi a um primo que me trouxesse umas de lá. Em 1946, tinha 15 para 16 anos, fui viver para Carcavelos, na linha de Cascais. Foi lá que o meu entrosamento com o mar se tornou diário.

Comecei a fazer as chamadas “carreiras de papo” com os braços a fazer de hidrofoil. No Inverno, só com o corpo, conseguia deslizar 300, 400 metros até terra. Pensei: se conseguisse arranjar uma coisa que flutuasse, seria fantástico. E assim foi. Um amigo do Alentejo arranjou-me uma prancha de cortiça e intuitivamente comecei a fazer bodysurf. O Morey Boogey, surfista de bodysurf,

lembrou-se de comercializar uma prancha de plástico em 1962. Imagino que eu, em 1946, tenha sido o primeiro da Europa a fazer bodyboard.

Fazia bodysurf com uma camisola de lã. Mais tarde arranjei um fato seco da Pirelli feito em borracha de câmaras de ar. Em 1953, tornei-me o primeiro a ter um fato de neoprene. A fábrica do comandante Cousteau ia lançá-los na Europa. Durante um estágio lá, experimentei o protótipo e parecia feito para mim. Disse-lhes: “Se me derem o fato, eu tiro. Se não derem, fujo já com ele.” Três semanas depois vem a Calypso a Portugal. O único que tinha um fato igual ao meu era o Albert Falco, comandante.

Durante anos e anos ia para a neve nos Pirenéus passar o Natal e o fim de ano. Soube que, em Bayonne, a Barland, uma fábrica de fibra de vidro, estava a fazer pranchas de surf. No início de 1959, fui lá e comprei uma. Era um bacalhau: pesava 15 ou 16 kg e media 3,10 m. Mais tarde coleí-lhe umas flores – era o tempo dos hippies.

Venho com ela em cima do carro. Chego a Carcavelos. Assim que me ponho de pé, escorrego e caio. Ainda vou para São Pedro à procura de ondas menos verticais, mas escorrego sempre. Isto durante uma semana. No fim-de-semana seguinte volto a Biarritz. Chego à Plage des Anglais e está lá um americano a fazer surf. Pergunto-lhe o que se passa. E ele diz: “Man, get a piece of wax.” Ele mesmo põe o wax na minha prancha. Estava um dia fantástico, de Inverno mas com sol, umas ondas lindas. Saio para o mar e ponho-me logo em pé. Sinto a exultação, o factor mágico, a alegria de deslizar sobre a água.

Voltei para Portugal e comecei a surfar de manhã, à hora do almoço e ao final do dia. Deixava a prancha no Narciso, uma barraquinha verde que vendia sanduíches na praia de Carcavelos. À sexta-feira, saía do escritório – ainda não havia auto-estradas – e fazia sozinho no meu dois cavalos ou num Singer descapotável e sem aquecimento 1200 km até La Mongie. Chegava a

Biarritz

sábado de madrugada.

Fazia duas horinhas de surf e depois ia esquiar. Deitava-me às cinco da tarde para me levantar às sete da manhã. Fazia ski e às cinco da tarde voltava para Lisboa. Porque é que eu fui pioneiro? Por ser assim, persistente, insistente, ter iniciativa.

Em 1960, no “Bico” de São Pedro, a minha segunda mulher tira-me as primeiras fotos de surf alguma vez feitas em Portugal. Ela era hospedeira do ar, passava cá muito pouco tempo. Por isso é que tenho muito poucas fotos. Ia sempre sozinho. E foi assim durante quase dez anos.

As pessoas olhavam para mim como se fosse um marciano. Juntava-se uma